

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

LORENA RONCON BLAS

Redução de danos e ayahuasca, uma aproximação compreensiva a partir da  
fenomenologia heideggeriana.

SÃO PAULO

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

LORENA RONCON BLAS

Redução de danos e ayahuasca, uma aproximação compreensiva a partir da  
fenomenologia heideggeriana.

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial  
para graduação no Curso de Psicologia sob  
orientação do Prof. Dr. Marcelo Sodelli.

SÃO PAULO

2017

## *Agradecimentos*

Agradeço primeiramente a existência por ser encoberta de mistérios e cheia de caminhos.

Agradeço a faculdade de psicologia por ter aberto cada vez mais minha cabeça e trazer à tona questões que eu nunca havia imaginado que existiam. E além de me trazer uma formação acadêmica também me proporcionou um crescimento pessoal.

Agradeço aos meus pais por todo o apoio e investimento em mim e na minha educação. E pela presença e amor.

Agradeço as minhas tias, Wally e Valéria pelo amor e carinho. E aos primos Enzo, Eduarda, Juliana, Tatiana e Luize.

Agradeço ao meu orientador e amigo Marcelo Sodelli, pelos debates e o interesse no meu trabalho. E pelas conversas extracurriculares sobre a vida.

Agradeço a parecerista Teresa Endo pelo tempo, a leitura interessada no meu trabalho e pela elaboração de uma devolutiva.

Agradeço as minhas amigas Mirela Barbosa, Gabriela Fischmann, Luiza Franco, Carol Kalili, André Mello, Ariadne Rodrigues, Helena e Julia pelo tempo compartilhado e choros ou risadas divididas.

Agradeço a Simone Keiner, minha companheira de casa pela comida dividida, alongamentos e meditações que me ajudaram a ter mais clareza.

Agradeço a minha antiga escola ENAU e aos professores José Ricardo e Márcio por me apresentarem a filosofia e o amor ao conhecimento.

7.07.00.00-1 – Psicologia

Título: Ayahuasca e redução de danos, uma aproximação da fenomenologia heideggeriana

Ano: 2017

Autora: Lorena Roncon Blas

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Sodelli

*Resumo:*

Este trabalho procura perspectivas que coloquem entre parênteses a existência do dependente para que se possa pensar num cuidado preocupado com a individualidade do usuário. Para isto, retoma conceitos da fenomenologia heideggeriana como eixo compreensivo de homem. Além de investigar a ayahuasca como uma possibilidade de redução de danos, esta pesquisa desenvolve uma perspectiva que rompe com a tradicional terapêutica de provocar exclusivamente a abstinência. Desta forma, retoma o que seria a redução de danos em uma retrospectiva histórica além de buscar compreender o que é a ayahuasca e como ela é pensada nos dias atuais. Para tanto, foi realizada uma entrevista reflexiva com um participante que tem experiência com redução de danos e ayahuasca. A análise da entrevista sugere que o uso ritualístico de ayahuasca pode contribuir para que o usuário repense a sua relação com o abuso de drogas, reduzindo danos.

*Palavras-chave:* Fenomenologia, redução de danos, dependência, ayahuasca.

## **Sumário**

Introdução.....	5
Método.....	7
Capítulo 1 – O homem na perspectiva fenomenológica.....	10
Capítulo 2 – A Ayahuasca.....	17
Capítulo 3 - Redução de Danos.....	27
Capítulo 4 - Análise da entrevista.....	31
Capítulo 5 – Síntese da entrevista.....	39
Considerações finais.....	43
Bibliografia.....	45
Anexo 1.....	47
Anexo 2.....	48

## **Introdução**

O tema das drogas sempre me chamou atenção. Desde o ingresso na faculdade em 2013, procuro leituras extracurriculares e produções acadêmicas sobre experiências psicodélicas porque acredito que essas vivências são muito ricas em sentido e significado. O experimentar-se num outro estado de consciência traz a luz aspectos antes ocultos sendo, portanto, uma forma de aumentar a autoconsciência. Através dessas pesquisas li sobre a ayahuasca e reconheci um incrível potencial transformador, os relatos que vi continham experiências que colocavam as pessoas de frente com sua vida de maneira mais clara e após o ritual conseguiam tomar decisões mais próprias e esclarecidas. A experiência com a ayahuasca não é descolada da vida, e carrega um sentido próprio e individual.

Além do crescente interesse sobre a vivência com as drogas, também é uma questão o abuso delas. Há diferentes intenções e afinidades num uso esporádico e no uso problemático. Acho de extrema importância entender o sentido do abuso, qual o significado para o indivíduo dependente que a droga tem. E, neste sentido, quem é o sujeito que faz o uso de drogas. Também destaco a diferença entre um abuso de uma pessoa de baixa renda e outra de alta renda, pensando para além do custo das drogas, mas também as diferentes implicações deste uso. E sendo assim, as drogas podem funcionar também como um agravante da diferença social.

Por meio disto, vejo a importância de um tratamento da dependência. Mas que este escape de um proibicionismo e de uma tentativa de tornar todos os usuários abstinente, e que respeite a individualidade e a vontade de cada um. Acredito que a redução de danos ocupe este lugar por exatamente ter como preocupação a qualidade de vida do dependente e o respeito através do diálogo com ele no qual nada impõe.

E vincular este trabalho a fenomenologia heideggeriana faz todo sentido, já que foi a abordagem que mais me fascinou pela sua compreensão do homem, como ser-no-mundo e que consegue abarcar grande parte da complexidade da nossa existência. Além disso, devolve a vida do homem a ele mesmo, colocando essa como um dever de ser aquilo que se é, uma responsabilidade. Estudo e me aprofundo nela através de grupos de estudos extracurriculares como por exemplo para ler “A poética do espaço” de Gaston Bachelard no início da faculdade e mais recentemente “Ser e tempo” do M. Heidegger. Além de fazer

matérias eletivas e estar cursando o núcleo de fenomenologia do quinto ano, dentro da grade curricular. E hoje venho começando a colher os frutos desta dedicação.

Portanto, este trabalho se originou da ideia de unir estes três temas importantes que fizeram parte da minha vida pessoal e universitária e que se ligam numa mesma direção: drogas, redução de danos e a fenomenologia. Sendo que, as drogas e a redução de danos são manobras óticas para as possibilidades ontológicas, que é o campo que a fenomenologia se propõe a conhecer.

## **Método**

A partir da busca acerca da compreensão da ayahuasca como uma forma de redução de danos, na tentativa de fazer uma aproximação desta experiência com a fenomenologia-existencial, faz sentido usar da pesquisa qualitativa como método de análise. A ayahuasca nem sempre é usada como redução de danos, porém o objetivo deste trabalho é pesquisar como ela poderia ser considerada redução de danos.

Esta pesquisa se deu através da entrevista reflexiva, em um estudo de caso de um participante, desenvolvida por Szymanski (2002), que abrange os significados complexos que surgem no discurso da entrevista e permitem a reflexão sobre a própria experiência. Nesta modalidade, o encontro pesquisador entre entrevistado vai além do objetivo de obter informações e poder compreender uma vivência, exige deste uma postura ativa e a criação de um espaço favorável à emergência da temática que se pretende investigar.

A proposta reflexiva pretende romper com a relação verticalizada entre entrevistador/entrevistado e ampliar o espaço de pesquisa para um movimento de “ir e vir”, conforme emergem os significados acerca da experiência. Esse tipo de busca oferece um recorte da experiência, na qual tanto o entrevistador quanto o entrevistado poderão entender esta vivência, de forma que o entrevistado poderá organizar suas ideias e transforma-las em palavras, enquanto o entrevistador tentará compreender a experiência única e própria do sujeito. Para esta pesquisa será utilizado um estudo de caso, ou seja, um único sujeito.

O estudo de Szymanski (2004) coloca como protagonista do processo de investigação tanto o entrevistador como o entrevistado. A intervenção se daria no modo dialético destes se relacionarem que permitiria o aparecimento de significados atrelados tanto à experiência relatada, quanto ao próprio encontro entre entrevistador e entrevistado. Por isso, esta relação se mostra relevante na entrevista reflexiva e deve ser zelada, na medida que o entrevistado traz conteúdos pessoais e próprios de sua vivência.

A escolha por este método de pesquisa se deve ao fato de que só o sujeito que tem esta vivência pode falar sobre ela, e dizer o que ela é e o que representa na vida dele. E só uma escuta que se preocupa com o como o sujeito vive o que vive e entender a vivência de um único sujeito pode realiza-la. Além disto, este tipo de proposta se mostra compatível com o pensamento fenomenológico-existencial.

No modelo elaborado por Szymanski (2002), o pesquisador assume um papel ativo na condução da entrevista, tomando como relevante sua própria experiência na relação

entrevistador/entrevistado, no sentido de que este realiza síntese do discurso, busca esclarecimentos e devolve a compreensão da experiência narrada. Deste modo, a entrevista reflexiva abrange a emergência de significados e uma construção mútua acerca da compreensão da experiência.

Para compreender a experiência do participante, a pergunta desencadeadora foi: é possível utilizar a ayahuasca como redução de danos no tratamento de dependência? E a partir dessa pergunta se guiará a entrevista. Para esta, serão tomados todos os cuidados necessários, sejam éticos ou morais, para que o indivíduo não se sinta explorado ou invadido.

### *Participante*

O participante da pesquisa foi uma pessoa que tem contato com o trabalho de redução de danos com ayahuasca. Ele pesquisa sobre o assunto, sendo este tese de seu mestrado e tema de um livro. Além de também promover rituais – nem sempre com o objetivo de reduzir danos - e beber o chá.

### *Entrevista*

O contato foi feito via e-mail e a entrevista se deu em um lugar reservado e seguro, com o intuito de manter o sigilo.

A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita para fomentar as análises, discussão e a compreensão sobre o fenômeno com mais precisão. Depois, a pesquisa foi encaminhada para o Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo através da Plataforma Brasil (ANEXO 1). Outro procedimento ético abordado foi a solicitação à entrevistada da concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 2), após ser apresentada à questão norteadora da pesquisa.

Para proteger a identidade do entrevistado e promover o sigilo o seu nome foi modificado.

## *Análise*

A análise das entrevistas foi realizada segundo o método elencado por Sodelli (2006, p. 30), balizado numa interpretação hermenêutica:

- Transcrição da entrevista, mantendo a fidedignidade quanto ao discurso do indivíduo;
- Leitura flutuante e reflexiva do material da entrevista, prolongando uma relação interrogativa com todo o texto;
- Agrupamento da fala do participante criando, assim, focos de análise;
- Seleção dos focos de análise que sejam relevantes aos objetivos da pesquisa;
- Descrição da compreensão acerca dos focos de análise selecionados e do discurso, considerando a trama de significados da entrevista, bem como o objetivo desta;

Além disso, a análise seguiu “numa perspectiva de desvelamento-revelação de sentidos, segundo a qual cada parte da entrevista, por um lado, deve ser entendida à luz da totalidade das entrevistas e, por outro lado, sua estrutura deve ser reconstruída, levando em conta, ainda, cada parte que lhe pertence, todo o material foi interpretado novamente, pois, numa hermenêutica heideggeriana, o desvelamento resultará em novos ocultamentos (CRITELLI, 1996 *apud* SODELLI, 2006, p. 32);”.

Após o desvelamento-revelação de sentidos, que envolve também ocultamentos, foi elaborado um texto analítico com a finalidade de compreender o sentido acerca da possibilidade da ayahuasca como redução de danos.

## **Capítulo 1 – O Homem na perspectiva Fenomenológica**

Após a crise da ciência do século XX ficou evidente a necessidade e urgência da retomada da questão do sentido do ser. Essa pergunta havia sido silenciada pela ontologia da metafísica, visto que ela se dedica as condições do ser dos entes, como um ser total e imutável, e não aos sentidos do ser como tal. Heidegger então retoma essa questão, esclarecendo a diferença entre ôntico e ontológico, na qual, de acordo com o autor, “o termo ontológico remete a pergunta pelo sentido do Ser, enquanto Ser, e não ao ser dos entes em geral” (GIACOIA, 2013, p. 57).

Tomando o próprio homem como um ser existente, a ontologia é “a disciplina filosófica que estuda o ser dos entes” (GIACOIA, 2013, p.53). Ente significa aquilo que é ou existe, ontologia seria então o estudo das coisas que são, nelas mesmas. Visando determinar sua essência. Ou ainda, as características que possibilitam algo ser o que é.

“Diferentemente do existencial ôntico, limitado ao plano dos entes, o existencial-ontológico remete ao plano do Ser, em sua diferença para com os entes. O termo ontológico não diz respeito as características particulares dos entes existentes ou possíveis, mas designa o fundamento originário que os torna o que eles essencialmente são, ou seja, que os constitui em seu ser próprio.” (GIACOIA, 2013, p. 58)

É necessário traçar estes entes pelo horizonte do tempo, ou seja, ter o tempo como limiar de compreensão. Essa tarefa que Heidegger se propôs a fazer exige um ponto de partida novo, já que de certa forma, ele questiona a ciência que sempre foi pensada na relação com os entes, na presença das coisas que apenas são. O novo ponto seria levar em consideração as diversas modalidades em que os entes se dão e se mostram, e o mesmo pode ser inferido ao homem, redescobrimo a ideia de existência.

Ser-o-aí (ou Ser-aí), tradução do alemão Dasein, verbo “ser” (sein) e pelo advérbio aí (da), “aí” significa uma dimensão de exterioridade, como um mundo. Heidegger pensa o Dasein como um ente cuja existência é ontologicamente fundamental, ou seja, é uma existência temporal, contingente, mundana, finita cujo sentido é ser-para-a-morte. O “aí”

não significa uma localização, mas sim uma abertura para o mundo, o dasein está sempre no mundo, aberto para ele.

Para Sodelli (2015) o ser-o-aí, pode também ser descrito de acordo com suas estruturas ontológicas, e essa descrição é a fenomenologia, esta parte da essência desse ente. Essa essência consiste em “ ex-sistere: existir, subsistir, suste-se, colocar-se de pé, manter-se na abertura. ” (GIACOIA, 2013, p. 62)

A análise fenomenológica, considera o dasein um ente que compreende sua relação com o Ser, para quem exige um cuidado estar sendo, pois pode liberar um acesso para o entendimento do próprio Ser, na diversidade de seus sentidos. Além disto, ainda de acordo com o autor, o conceito fenomenológico de fenômeno pensa aquilo que se mostra do ser do ente, seu sentido e suas modalidades.

Ser-o-aí existe no tempo, e a própria temporalidade é um componente fundamental de sua estrutura. Ou seja, toda compreensão do Dasein é no tempo e este deve ser visto como finito e mortal, tendo que assumir sua possibilidade mais radical, como ser-para-a-morte. E todos os elementos que constituem este ser devem ser interpretados a partir de sua temporalidade originária.

Ser-o-aí existe também lançado no Ser, ou seja, ele precisa ser algo, carece de definição e está definiria uma finalidade ou necessidade à sua existência. Como poder-ser, ele é essas mesmas possibilidades, inclusive a possibilidade de não atender seu poder-ser e de deixar de ser. É, de acordo ainda com Sodelli (2015), no mundo que o ser-o-aí se desdobra partir das modulações existenciais de impropriedade e propriedade, permanecendo de início e na maioria das vezes, na segunda opção, sendo junto-aos-outros-no mundo na inautenticidade.

Além disto, o dasein é intramundano, ou seja, está sempre em relação com os outros entes, sempre no mundo, na ocupação com as coisas. “Existir significa, em sentido radical, cuidar de poder ser no mundo, que é também ser-com-os-outros.” (GIACOIA, 2013, p. 74).

Há três modalidades originárias da abertura que denotam as estruturas fundamentais do ser-o-aí como ser-em. A primeira é a “afinação, ou seja, o ser-o-aí se encontra no mundo em determinadas disposições e estados.” (GIACOIA, 2013, p. 75). É por exemplo estar em São Paulo, de um modo alegre. A angústia, por exemplo, é uma afinação fundamental, ela possibilita um poder ser mais próprio, apesar de nunca acabar com a modulação da impropriedade. A segunda abertura do “aí” é a compreensão, estamos

sempre compreendendo e significando os acontecimentos, ou seja, é entender, apreender o sentido de, inteirar-se de, tomar consciência de. A terceira é o discurso, a articulação dos sentidos se dá sempre na palavra, é o modo como o ser-o-aí enuncia seu entendimento de ser. Ressaltamos que essas três modalidades são co-originárias.

Ainda sobre esta abertura, Sodelli (2015) acrescenta:

“Tudo que existe se manifesta para o Dasein a partir desta condição fundamental de abertura e por isso sempre estamos perguntando: o que são as coisas, o que são os outros e o que nós mesmo somos? Nós perguntamos sobre tudo porque o sentido de ser não é dado. Onticamente essa condição fundamental se desdobra em sermos capazes de realizar opções e de tomar decisões das quais resultam os significados da nossa existência.” (SODELLI, 2015, p. 78)

Em outras palavras, o Dasein é sempre uma possibilidade, um poder-ser em relação ao mundo, sempre no mundo. Visto que ser-o-aí ou ser-no-mundo é um fenômeno de unidade, assim como aponta também Casanova, (2013); “ O homem “é” (existe) na exata medida de seu “ser-em” (na sua relação com o mundo). Não existe anterioridade entre esses dois movimentos (HEIDEGGER, 1993 apud SODELLI, 2015, p. 78). E assim, por se entrelaçar no mundo ele tem a responsabilidade de estar sempre sendo algo, sempre fazendo escolhas, e buscando sentidos para sua existência. Ainda de acordo com este último autor, estas condições fazem com que a existência do dasein esteja sempre em jogo, portanto nós não somos pergunta, nós somos questão. Em nossas vidas nunca paramos de nos questionar, sendo uma tarefa nossa aprender a lidar com um mundo que é o nosso. Esta abertura porém, não é infinita, afinal o dasein diferentemente dos outros entes pode compreender sua finitude. Este peso de saber que um dia o dasein não será mais, da luz ao conceito de ser-para-a-morte. Essa ameaça de morte é a fonte da angústia que o dasein experimenta. É o poder ser ou não ser.

Neste mesmo sentido, outra afinação fundamental é o de culpa. Visto que nossa existência está sempre em jogo e temos sempre que escolher um modo de ser e nesta escolha nós podemos falhar. Ou seja, “a culpa então se vincula à consciência da não-

realização integral das potencialidades, da necessidade imperativa de efetuar certas escolhas, em detrimento de outras” (SODELLI, 2015, p. 81). Portanto, em cada escolha uma renúncia, escolhendo por um caminho estamos consequentemente deixando de escolher outro. Nunca sabemos ao certo qual a melhor escolha, e assim podemos de fato, culpar-se por ter escolhido “errado”.

Assim sendo, o homem tem que dar conta de sua existência, ela é sua responsabilidade, ele deve dar conta de seu ser. Ou seja, ele tem que cuidar de ser, ser-o-aí é também o cuidado. De acordo com Heidegger, a escolha desse cuidar não é aleatória, ela está baseada em:

“do que se vai cuidar ou não (o que está próximo ou distante de nossos cuidados), de como se vai cuidar ou não (o modo como se cuida), de como se vai cuidar desse cuidar mesmo.” (SODELLI, 2015, p. 83)

A partir disso, também somos em uma destinação e não em outra. Seguimos um rumo, um caminho através de nossas escolhas e o cuidado que temos. Esta tarefa não é fácil, mostra-se árida e difícil. “A morte, a culpa e a angústia abrem a inospitalidade do mundo, algo que o Dasein não vai cansar de fugir.” (SODELLI, 2015, p. 83)” Esta fuga pode se dar de diversas formas, e uma delas é viver na ditadura da impropriedade. Isso quer dizer que o dasein vive na cotidianidade e está, por vezes, submetido as significações deste mundo, desta cultura. Isto faz sentido porque nesta vivência o dasein não precisa se angustiar e fazer escolhas, ele simplesmente escolhe o que todos escolhem, age como todos agem, ou seja, vive de uma maneira mais impropria. Podemos dizer, que desta forma ele tira sua responsabilidade de si, não vive uma vida que a sua, vive a vida do “a-gente”. Este seria um cuidado impróprio que foge da angústia, e essa angústia seria a porta de entrada para um mundo mais próprio. Nas palavras de Casanova (2013)

“O ser-aí só se determina efetivamente como o ente que é a partir de uma inter-relação incessante com o seu mundo. Jogado em um determinado mundo fático, ele assume comportamentos a partir de orientações que recebe do mundo circundante (...) Eles são antes campos significativos sedimentados, dos quais cada

ser-aí recebe incessantemente indicações para a constituição de seus comportamentos em geral.” (CASANOVA, 2013, p. 93)

Este seria o modo impróprio de estar, no qual, não pensamos em determinado comportamento, apenas o executamos num sentido automático, junto ao todo.

Portanto, o mundo fático carrega uma multiplicidade de significados que compõem uma totalidade, a isto Heidegger dá o nome de significância. Isto significa que todo utensílio carrega uma totalidade referencial com a qual ele se contorna e retira seu significado. Ele está sempre “em-virtude-de”, que sempre diz respeito ao ser do ser-aí, para o qual o ser está em jogo. Ou seja, “Eu estou aberto existencialmente para o mundo fático que é o meu.” (CASANOVA, 2013, p. 101)

Os outros entes, que não são *dasein*, chegam a nós como utensílios, coisas de uso, que são caracterizados como possibilidades de ação, uma coisa nunca tem apenas uma finalidade, é sempre estar para algo, em virtude de algo. Podemos utilizar uma cadeira como exemplo, pois esta pode servir tanto para sentar quanto para subir em cima para alcançar um objeto. As coisas se mostram diferentes a partir do uso/finalidade que damos a ela. Ou seja, “todo utensílio já sempre se apresenta em uma malha referencial complexa que o determina radicalmente como o utensílio que ele é.” (CASANOVA, 2013, p. 97)

Ser um ser-o-aí significa ser a partir de um mundo fático sedimentado, que fornece na maioria das vezes as possibilidades de ser com as quais o *Dasein* pode se confundir, e já sempre se confunde. De acordo com Sodelli (2015) é a ditadura do impessoal, estamos sempre imersos nele. Este fornece as orientações para que ele possa construir o projeto existenciário que ele é. É um conjunto de compreensões cuja origem nós desconhecemos, apenas a seguimos. Somos submetidos ao discurso do nosso mundo e por vezes apenas repetimos em variações o mesmo discurso, não possuindo nenhuma relação com nosso caráter de poder-ser.

De acordo com Giacoia (2013) impessoalidade, porém, não é usada para indicar o vazio da existência cotidiana, e nem usada com o intuito de conscientizar o ser-aí da necessidade de escapar desta situação nefasta. Mas é um termo que indica a sedimentação de uma compreensão de ser em uma visão de mundo determinada. E além disso, uma medida ontológica que fornece um sentido primeiro, nos contorna. Sem ela seríamos o nada, a abertura sem contorno.

Há muitas coisas que o *dasein* pode fazer com sua existência, mas ele não pode ser nada. Ele está sempre no mundo, sendo. Para isso, Heidegger fala sobre afinação, ou seja, nós sempre estamos afinados no mundo, sempre experimentamos o modo como nos encontramos no mundo a partir de um afeto. Assim, a tristeza e a alegria parecem ser modos de estar, de experimentar mundo. São como atmosferas que nos envolvem e então tudo se mostra a partir de seu modo de afinação, transforma nosso mundo. E também, não é um ente que advém na alma como uma vivência, mas o como de nosso ser-aí comum.

Retomando o conceito de compreensão, lembramos que esta seria a responsável por seguir existencialmente as orientações do mundo e mostrar dentro delas o que é interpretável. Ela inviabiliza pensar o impessoal como um controle uniformizante. Visto que por exemplo, uma espreguiçada poderia ter vários sentidos. O *dasein*, vem como um projeto jogado, sem características anteriores, e determina a si mesmo compreensivamente a partir das significâncias do mundo, do impessoal. Ele não é tábula rasa, porque é compreensão.

A ideia de compreensão, e de que as coisas não são mas estão, abre as portas para a angústia. Ela nasce de um despontar do próprio caráter do ser-aí no que diz respeito ao poder-ser. Ela abre a possibilidade de um modo de ser mais próprio, já que segundo Casanova (2013) sendo no modo de ser cotidiano o *dasein*, existe sob o modo da fuga de seu ser mais próprio. A angústia seria a transformação radical desse modo de ser cotidiano, seria o momento no qual o *dasein* se coloca em jogo, e se questiona se aquela existência que ele vive faz sentido de ser vivida. Ela faz com que não consigamos mais apenas seguir as orientações do mundo. Traz consigo uma articulação entre o ser-aí e o poder-ser, a ideia de que pode-ser além do que se é, pode não mais ser o que se é, e ser outra coisa. Tudo isso a partir da compreensão de que as coisas não são, mas estão.

O mundo de início fornece os significantes e os comportamentos a serem seguidos, presentes na facticidade. Porém mais do que isso, os campos de uso funcionam publicizando as compreensões medianas de nosso ser-aí atual. Desta forma, o domínio do impessoal diz respeito até a determinação de comportamentos adequados e a identificação dos mobilizadores de nossas ações. Mas no momento em que a angústia se instaura essa situação muda radicalmente, o *dasein* passa a colocar em jogo sua existência e seus antigos modos de ser. Ela faz com que o mundo se torne insignificante, e com que não consigamos mais apenas seguir as orientações do mundo. É o encontro com o nada, em

que o que está em jogo não é toda a compreensão sobre os entes, mas sim especificamente a noção de em-virtude-de.

De acordo com Sodelli (2015), uma vez que a angústia inviabiliza o em-virtude-de doado pelo mundo fático, ela abre o espaço para o ser-aí descobrir em seu si mesmo aquilo em-virtude-de que ele precisa existir como o ser-aí que ele é. Além disso, podemos dizer que tanto a assunção da responsabilidade pelo poder ser, através da angustia, quanto a desoneração dessa responsabilidade, através do impessoal, são modos que o ser-aí cuida de seu ser. A angustia é um dos caminhos para nos tornarmos mais próprios, ela nos faz deparar com nosso ser-para-a-morte. Ou seja, ser um poder-ser, ser um ser-no-mundo não significa outra coisa senão ser um existencial finito que encontra na sua finitude a sua determinação fundamental.

Ao cuidar de si, o dasein está cuidando também de seu mundo fático, pois tudo que ele é já está a partir de um mundo fático e enquanto possibilidade nesse mundo. Isto trás a tona simultaneamente a conexão entre o dasein e a historicidade de seu mundo. Ou seja, o dasein conquista sua determinação sempre a partir de um mundo que é o dele a partir de duas possibilidades, a propriedade e a improriedade. Ser um ser-aí quer autenticamente ou não, equivale a conquistar o poder-ser que se é a partir das possibilidades do mundo. As possibilidades de realização de si mesmo são igual as possibilidades do seu mundo, o ser-aí também é o aí.

## **Capítulo 2 – A Ayahuasca**

A bebida psicoativa conhecida por vários nomes, entre eles ayahuasca, tem origem indígena. *Aya* quer dizer “pessoa morta, alma espírito” e *waska* significa “corda, liana, cipó ou vinho”. O chá, como também é conhecido, tem como princípios ativos mais importantes as “betacarbolinas, oriundas do cipó *Banisteriopsiscaapi*, e a dimetiltriptamina (DMT), oriunda das folhas de *Psychotriaviridis*. Ambas as substâncias atuam no nível de serotonina no cérebro” ( McKenna 2004, Winkelman 1996 p.2 apud MERCANTE, 2013).

Atualmente, de acordo com GOMES (2011) o uso da ayahuasca é feito de diversas formas dentre as 70 etnias do Nordeste Amazônico. Além de no Brasil, ela também é usada no Peru, Amazonia Boliviana, Equador e Colombia. Sendo que as principais linhas religiosas que usam do chá são, a União do Vegetal (UDV), a Barquinha e o Santo Daime. Estas tem influências principalmente do catolicismo, espiritualismo, cultos afro-brasileiros e as culturas indígenas. Porém o primeiro registro por ocidentais da bebida foi no séc XVII, quando missionários jesuítas descreveram a existência de poções diabólicas preparadas pelos nativos na selva peruana.

De acordo com SANTOS (2013), Ayahuasca em quíchua significa cipó dos espíritos ou cipó das almas. Estima-se que cerca de 70 grupos indígenas consomem essa bebida, principalmente na Amazônia brasileira, peruana e boliviana, tendo um papel central na cosmologia dos povos. Adquire nomenclatura diferente a depender do grupo que utiliza.

Embora tenham cosmologias diferentes, esses povos têm alguns aspectos em comum, dentre eles está a crença na veracidade das visões, a crença nos efeitos terapêuticos que a planta possibilita, o diagnóstico, a cura para enfermidades, a crença em uma dimensão espiritual que está separada e independente do corpo. A planta fornece conhecimento e poder, abrindo a percepção para a dimensão espiritual do homem.

É interessante destacar que muitos dos grupos religiosos, xamânicos e entidades terapêuticas, mesmo realizando rituais completamente diferentes compartilham de algumas crenças indígenas citadas a cima. Muitos dos usuários bebem o chá para melhorar sua conduta moral, pessoal e a relação de cada uma com a comunidade, consigo mesmo e com a natureza.

O uso da ayahuasca expandiu muito, e com isso cada lugar usa e recebe de uma forma de acordo com cada sociedade. Portanto, a depender de como o chá é visto há

diferenças quanto a legalização. Quando é tratada como droga insere-se no debate sobre perigos e proibição, porém quando é considerada como terapia, religião ou cultura pode ter atrito entre legislações. No Brasil, após a expansão do uso o chá foi permitido para fins religiosos e além disto, foi aberta a possibilidade do estudo científico afim de determinar a possibilidade terapêutica dela, para que se prove sua eficiência.

No contexto indígena o uso ganha outros sentidos, muitas vezes a ayahuasca ganha papel de remédio, funcionando diretamente no corpo adoecido. Outras vezes é usada pelo próprio curandeiro ou pajé para compreender e diagnosticar a enfermidade. Além destas significações também entra na formação do xamã em seu aprendizado sobre os animais e a natureza. Em outros ainda, é usada para que se obtenha diferentes percepções e sensações, aproveitando para fazer cerâmica ou tecido. É necessário acrescentar que há uma outra concepção de cura. Além destes, de acordo com SANTOS (2013) há outros usos que citarei de forma generalizada.

Por exemplo, o uso curandeiril que é comum na região Amazônica ocidental, são compostos de curandeiros que usam técnicas indígenas juntamente com técnicas oriundas do catolicismo, espiritismo, esoterismo para curar enfermos e dependentes de drogas. Normalmente utilizam a ayahuasca associada a outras plantas como o tabaco além dos banhos com ervas que evocam elementos da natureza de cura.

Há também o uso ritual em práticas religiosas, este não usa plantas complementares e também não tem muita influência da cosmovisão indígena. São 3 as principais vertentes deste uso, sendo elas: A União do Vegetal que surgiu quando seu fundador, o Mestre José Gabriel da Costa, vivia perto da fronteira entre Bolívia e Rondônia, sendo oficialmente fundada em 1961. O Santo Daime que surgiu entre a década de 20 e 30 no Acre, fundada pelo Mestre Raimundo Irineu Serra. E a Barquinha que foi fundada em 1945 por Daniel Pereira de Mattos, ele era um ex-marinheiro vindo do Maranhão que recebeu essa missão em uma visão no trabalho com a ayahuasca no Santo Daime com o Mestre Irineu.

Essas religiões diferem entre si na forma como executam seus rituais e na doutrina, porém também compartilham alguns aspectos. Sobre os pontos em comum deve-se ressaltar de forma generalizada a cosmovisão de que comungam um chá sagrado, todas foram criadas por seringueiros amazônicos, com líderes nordestinos, além da utilização da palavra Mestre para denominar os adeptos de maior senioridade e a presença da dimensão musical. Nos pontos divergentes podemos citar maior ou menor aproximação dos cultos

afro-brasileiros como por exemplo a umbanda e o candomblé, sendo que a barquinha mais se aproxima destes, na qual é possível o transe de incorporação. A possibilidade de dança só está presente na Barquinha e no Santo Daime, a UDV estimula o autocontrole e a disciplina corporal é rigorosa. Outra diferença é que os cultos se disseminaram pelo Brasil, mas a Barquinha ficou quase restrita a região Norte do país. Além de que a fala na UDV é estimulada enquanto que no Santo Daime estimula-se o silêncio.

Há também o uso em investigações científicas, ou seja, alguns pesquisadores têm se interessado por estudar as propriedades e até a substância da ayahuasca. Por vezes procuram centros que a utilizam e estes centros tem sido bem receptivos, como por exemplo o Takiwasi.

De acordo com GOMES (2011), o início das pesquisas sobre o uso da ayahuasca data entre as décadas de 60 e 70 por etnobotânicos e antropólogos. Estes estudavam as experiências indígenas e mestiças da ayahuasca. Mas somente na década de 80 com a expansão da comunidade ayahuasqueira é que se começou a estudá-la.

A partir de então, passou a ser questionada sobre os possíveis efeitos nocivos e sobre seus efeitos terapêuticos. Pode-se perceber que dependendo do contexto o uso ganha formas diferentes, no Peru é uma medicina tradicional, no Brasil se considera que o terapêutico é um ato de fé e nos meios acadêmicos há tentativas de isolar a substância para comprovar sua terapêutica. Dessa forma, aparece como necessário estudar os usos terapêuticos que já são feitos, assim como essa pesquisa se propõe.

Porém o que há nessa substância que faz com que se propicie a experiência? Não podemos, portanto, desconsiderar as propriedades farmacológicas desta substância. A ayahuasca é um psicoativo obtido a partir da união de duas plantas: Banisteriopsis caapi e Pshycotria viridis, mais conhecidos no Brasil como Marirí e Chacrona ou Jagube e Rainha. Essas plantas são nativas da Amazônia. A psychotria contém um princípio psicodisléptico: a N, N, Dimetilriptamina, e o DMT um princípio que possui semelhança estrutural com a serotonina. Esta substância não é ativa quando ingerida oralmente, mas pode ser ativa quando na presença do inibidor periférico da MAO, existente no Marirí. A quantidade de DMT presente na Ayahuasca pode variar em torno de 20 a 30 mg. Essa quantidade não é considerada alucinógena quando consumida oralmente.

O agente psicodélico é apenas um agente, e a experiência é uma combinação entre os efeitos da substância, a disposição psicológica do indivíduo, e as características do

contexto onde a experiência acontece. Cada indivíduo de acordo com sua cultura dá um significado a sua experiência.

A interação do chá com o organismo humano é o que possibilita a expansão da consciência, ou seja, a experiência extra cotidiana. De acordo com SANTOS (2013) o chá consumido uma vez a cada duas semanas não causa dependência, uma vez que as pessoas que fazem este uso se apresentam como não dependentes para um observador causal.

Os consumidores da ayahuasca acreditam que o chá é sagrado cujos efeitos em nada se aproximam de uma alucinação, visto que este termo desqualifica a experiência além de possuir um caráter depreciativo. As percepções produzidas pela ayahuasca não são um simples engano da imaginação produzida por falsas aparências. Pelo contrário, o efeito do chá permite ao indivíduo uma ampliação do domínio do seu mundo interior. Portanto, o termo enteógeno é mais qualificado por enfatizar aspectos culturais e simbólicos, evitando um reducionismo farmacológico.

Enteógeno é uma palavra que vem do grego, para se referir aos vegetais que proporcionam ao ser humano o contato com o mundo espiritual e suas entidades. Entheos significa inspirado ou possuído por um Deus que tenha entrado em seu corpo e geno, geração ou produção de algo. Isto se aplica aos transe proféticos e aos estados místicos que eram experimentados através da ingestão de substâncias psicoativas.

Propõe também psicoativo como uma substância que ativa a psique ou age sobre ela, em oposição ao termo droga que é empregado como sinônimo de algo que não presta. Sendo assim, as palavras enteógeno e psicoativo são mais fiéis para definir a Ayahuasca e o seu uso, que salvo algumas exceções, é utilizada como veículo de aproximação com a divindade e como forma de autoconhecimento. Segundo os membros, em nenhum momento se perde a consciência, o que ocorre é uma expansão que permite analisar melhor a vida e ver as coisas como realmente são; sem diminuir e nem aumentar.

Além disto, há uma atenção também ao transe numinoso que ela proporciona, transe se refere ao estado alterado de consciência e numinoso se refere ao encontro com o sagrado. É difícil falar sobre os efeitos da Ayahuasca porque é uma experiência irracional e os aspectos racionais são frutos inteligíveis daqueles irracionais. Essa experiência por mais que se tente explicar é algo que advém do sentimento e essa tentativa de explicar é

quase sempre incompleta, pois o contato com o sagrado, com o numinoso, é algo que adquire sentido na medida em que se sente e que se experimenta essa sensação.

Esse conceito de transe pode gerar controvérsias, porque as alterações de consciência normalmente são vistas como patologias ou perturbações, ou classificadas como alucinações. A alucinação é um sintoma de doença mental. Porém o transe é um estado de dissociação caracterizado por automatismo de ato e pensamento, frequentemente acompanhado de visões, podendo ser induzido por estímulos endógenos ou exógenos.

As denominações dos efeitos da Ayahuasca dependem do grupo que a consome. No contexto Amazônico do Peru, o efeito do chá recebe o nome de mareação. Essa palavra está relacionada com a visão produzida pelo chá, além da similaridade dos enjoos causados pela má digestão com os enjoos produzidos por embarcações marítimas. Dentre os efeitos atribuídos à ayahuasca destacam-se os efeitos visionários, que não só diz respeito ao domínio da visão, como se pode imaginar, mas compreende outros órgãos do sentido, e os efeitos purgativos e laxantes.

Dentre os efeitos visionários estão a visão de imagens, cores, personagens, acontecimento do passado, presente, futuro, visões de anjos, seres celestiais e demoníacos. Alguns consumidores relataram terem visto com os próprios olhos e outros com a consciência. Há também alterações do corpo de si próprio ou dos outros, alteração ou hipersensibilidade olfativas.

As visões são únicas e imprevisíveis. Cada um que toma o chá tem uma experiência completamente nova e diferente da anterior. É impossível prever o que acontecerá ou até prever se elas existirão. Pode acontecer até de um grupo de pessoas terem a mesma visão ou sensação.

Outra coisa, é o sentimento de realidade das visões e como isso é integrado a percepção de cada um. A ayahuasca devido a sua substancia amplifica a atividade cerebral e as percepções sensoriais. Ao ingeri-la ocorre um estado de sensibilidade aguda, podendo sentir com mais intensidade gostos, cheiros e sabores. Há uma redução das faculdades racionais que possibilita a transcendia ou ampliação do ego, esse conteúdo visto depois é reintegrado e contextualizado pelo sujeito, auxiliando na resolução de conflitos.

As visões normalmente não apresentam uma linearidade, não é como adquirir um conhecimento na escola, é necessária uma interpretação após a experiência por parte do

indivíduo. É natural que todos queiram sentir a mareação, porém aqueles que não sentem ficam se perguntando porque não mereceram ou porque aquilo não aconteceu. No ritual, nada é garantido e nem previsível.

A distribuição do chá é feita por um xamã, um mestre, um pajé ou um curandeiro. Ou seja, por um adepto de mais senioridade que deve estar preparado para lidar com os efeitos do chá. A quantidade que cada líder distribui é subjetiva, mas em linhas gerais as mulheres, idosos ou crianças bebem um pouco menos, embora haja exceções. Depende também de como o chá foi preparado, ou seja, da sua força. Os mais fortes são servidos com menor quantidade e os menos com maior. Os curandeiros regularmente são solicitados para através das visões de Ayahuasca, adivinhar possíveis traições, roubos e detectar algum outro mal.

A intensidade varia de um indivíduo para o outro, de um momento para o outro, e depende também da capacidade do curandeiro que dirige a sessão de chamar "*la fuerza de la ayahuasca*". Segundo relatos, o efeito do chá pode se intensificar, ou diminuir com os *ícaros* e com as sopradas (de tabaco no caso do contexto curandeiril).

O efeito do chá pode ser comparado ao êxtase religioso que coloca o indivíduo em contato com o plano divino. Ele facilita a concentração mental, a interiorização, produz clareza de consciência e aguça a percepção. Os efeitos da ayahuasca são subjetivos, e falar deles é falar de algo imaterial e impalpável.

Após relatar os efeitos da substância ayahuasca fica evidente que o chá proporciona um efeito, pela sua composição. Porém há pessoas que o ingerem e logo na primeira vez sentem seus efeitos, já outros desistem após inúmeras tentativas, pois dizem não sentir nada. Outra prova de que o efeito é subjetivo. Existe relação direta entre o usuário da ayahuasca e o meio social em que ele vive, sendo que nessa interação são relevantes: a) a substância e sua atuação no corpo humano; b) o *set*, ou o estado psicológico do indivíduo, sua personalidade e as expectativas que possui em torno do efeito da substância; e c) o *setting* que representa o meio físico, e sociocultural onde ocorre o uso da substância.

As mareações podem vir acompanhadas de sentimentos desagradáveis como mal estar físicos, náusea, vômito, diarreia, dor e desconforto psicológico. As desarmonias do corpo podem ser devido a alguma doença, alguma coisa na alimentação que não se digeriu, etc. Ou acontece também do usuário ter visões bonitas e positivas, quando se sente penetrado pela presença de Deus, quando se sente como fazendo parte do sagrado. Em

uma mesma sessão é possível passar pelos dois polos de forma em que não haja uma linearidade. Ainda assim as visões provenientes do consumo do chá dificilmente são classificadas por seus usuários como sendo incoerentes, desconectadas ou caóticas.

Em 1993 uma equipe multidisciplinar e multinacional veio ao Brasil, na cidade de Manaus realizar uma investigação científica sobre os efeitos bioquímicos e psicológicos na Ayahuasca num centro UDV. Foram selecionados 15 voluntários homens que estavam filiados a instituição há mais de dez anos e que tinham uma participação regular de no mínimo 2 vezes ao mês. Foram também selecionados outros 15 homens para fazer parte do grupo controle, os quais nunca tinham consumido o chá, de modo que tivessem características semelhantes. Em ambos os grupos foram aplicados testes de diagnóstico psiquiátrico, de personalidade, neuropsicológico e outros.

“A análise dos dados constatou que o consumo por longo tempo do chá Ayahuasca no contexto ritual, não exerce um efeito tóxico e nem deteriora as funções neuropsicológicas, sendo completamente diferente da noção convencional de “abuso de drogas”. (SANTOS ,2013, p. 141)

Além das visões, citei que o chá tem também efeitos purgativos, dentre estes estão vômitos e diarreias e por vezes os dois juntos. Contudo, os ayahuasqueiros tratam isso com naturalidade, sendo vistas como manifestações positivas de limpeza corporal. Limpeza de algo que comeu se e não fez bem, limpeza de alguma má energia captada pelo indivíduo, limpeza de sentimentos negativos como ódio, mágoa, etc. Portanto, o que em alguns ambientes é considerado ruim e desagradável, neste é visto como algo provido de significado que causa limpeza orgânica e espiritual que causa alívio e bem-estar.

Através do chá e de seus efeitos, muitos adeptos contam terem se curado de problemas de saúde, dor e mal-estar. Uma das propriedades atribuídas à ayahuasca é a de gerar sentimentos de transcendência que possibilitariam a cura de desequilíbrios físicos, espirituais e mentais, sendo um instrumento eficaz na cura de doenças, fundamentalmente da doença espiritual que seria a origem real e verdadeira das doenças físicas e mentais.

Essa eficácia terapêutica está fundamentada em dois aspectos: o primeiro diz respeito aos efeitos purgativos e conseqüentemente catárticos, ou seja, a possibilidade de chorar, vomitar, defecar por si só exerce efeito terapêutico em alguns casos. O segundo são as visões, muitos indivíduos conseguiram resolver suas questões através das visões

que teve. Eles entraram em contato com determinantes de seu comportamento, através destas, e assim reconduziram este.

Essa visão de cura é bastante diferente da médica que só leva em consideração o corpo biológico do indivíduo. Esse outro conceito de cura leva em conta a coletividade do indivíduo, ou seja, sua cultura e enfatiza aspectos espirituais. Tenta compreender o ser biológica, psicológica, social e espiritualmente. Na qual, a desordem em um desses aspectos influencia em todos os outros, podendo ocorrer num sentido de enfermidade.

Em relação a legislação da Ayahuasca no Brasil, há algumas convenções e tratados que o país assinou em relação a substâncias entorpecentes. De acordo com SANTOS (2013) são eles:

- a) A Convenção Única das Nações Unidas sobre Entorpecentes. (Ocorrida em Nova York em 1961);
  - b) A Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas. (Ocorrida em Viena em 1971);
  - c) Convenção sobre Tráfico Ilícito de Entorpecentes e Substâncias Psicotrópicas (Ocorrida em Viena em 1988).
- (SANTOS, 2013, p. 152)

Essas convenções tiveram como objetivo determinar os tipos de drogas que seriam proibidas de acordo com sua periculosidade. Na segunda convenção (1971), a DMT, substância presente nas folhas da chacrona (que constituem a ayahuasca) é inserida na categoria máxima em relação ao nível de proibição, estando no mesmo patamar da mescalina, LSD e ecstasy. Portanto, foi considerada ilegal independentemente da dosagem. Porém a dose de DMT na ayahuasca não é suficiente para causar alteração na consciência quando ingerida oralmente. Esse efeito se dá mediante a interação com as beta-carbolinas presentes no Marirí. As betas carbolinas não são ilícitas. Desta forma, a ayahuasca poderia ser considerada ilegal apenas por conter DMT, mesmo sendo sua quantidade insuficiente (quando isolada) para produzir alteração de consciência?

Além de que a DMT está presente naturalmente no ser humano nos tecidos cerebrais, pulmonares e nas plaquetas. Nesta mesma convenção também ficou estipulado uma ressalva para uso religioso, mas e os curandeiros e indígenas que fazem uso desta como medicina, ficaria ilegal?

A ayahuasca permaneceu proibida até 1986, quando o grupo de trabalho do CONFEN solicitou a suspensão provisória do chá da lista de substâncias entorpecentes, até que se concluíssem os trabalhos de investigação. As autoridades do CONFEN, após uma pesquisa, revogaram a medida proibitiva que datava de 1985. A equipe, por unanimidade de votos, decidiu pelo fim da proibição e a exclusão definitiva da ayahuasca da listagem em 26 de agosto de 1987. Dessa forma, seu uso para fins ritualísticos foi liberado por não haver material científico que provasse os efeitos nocivos do chá.

Em 2004, o CONAD solicitou a sua Câmara de Assessoramento Técnico Científico (CATC) a elaboração de novo estudo técnico-científico a respeito dos diversos aspectos que envolvem o uso da ayahuasca. Algumas questões foram levantadas como, por exemplo: O turismo ayahuasqueiro, o uso terapêutico, a organização das entidades religiosas que utilizam a substância (foram cadastradas quase cem entidades e o registro ainda continua disponível), o comércio da bebida, critérios de aceitação de novos adeptos nos grupos religiosos, o uso do chá por menores e gestantes e a sustentabilidade da produção.

Em 2010 o CONAD publicou uma nova resolução sobre a ayahuasca. Na verdade e na prática, não se trata de uma nova resolução, o documento é apenas a publicação no diário oficial do relatório final GMT ayahuasca aprovado e divulgado em 2006. Por fim a ayahuasca goza de status legal no Brasil apenas para fins ritualísticos. O uso terapêutico permanece proibido até que ulteriores pesquisas científicas comprovem a eficácia terapêutica do chá.

Porém já existem algumas pesquisas e estudos que apontam para um possível potencial terapêutico da ayahuasca, principalmente em quadros de depressão, ansiedade, pânico e droga-dependência. É importante ressaltar que o uso terapêutico do chá recebe, na maioria dos casos, influência das principais religiões ayahuasqueiras e também de outras religiões. Com isso se torna nítida a existência de uma ritualização no uso terapêutico da ayahuasca em grande parte dos grupos e instituições que o fazem.

Por outro lado, é frequente uma terapêutica do uso ritualístico da substância. Ou seja, os adeptos das religiões ayahuasqueiras acreditam que o chá que possibilita autoconhecimento, alívio e cura para diversas enfermidades e melhoria para os problemas de droga-dependência, cura de traumas e etc. Por exemplo, na Barquinha e no Santo Daime existem sessões e trabalhos destinados especificamente para a cura de aflições

físicas, psíquicas e sociais, embora na UDV, a cura não seja o foco principal dos rituais. A crença que o chá possibilita uma série de benefícios físicos, mentais e espirituais permeia o discurso dos adeptos e consumidores da ayahuasca.

### **Capítulo 3 - Redução de Danos**

Para os cumprir com o objetivo desta pesquisa é essencial falar sobre a redução de danos, já que a mesma propõe, como uma possibilidade o tratamento de dependência com ayahuasca.

De acordo com SODELLI (2015) a redução de danos teve origem na Inglaterra em 1926, com um relatório que ficou conhecido como “Relatório Rolleston”, este foi presidido pelo Ministro da Saúde Sir Humphrey Rolleston. O relatório estabeleceu o direito de os médicos ingleses prescreverem suprimentos de opiáceos a dependentes dessas drogas.

Porém, isto só poderia acontecer nas condições da síndrome de abstinência, em tratamentos e quando após prolongadas tentativas de cura, o uso da droga não pudesse ser seguramente descontinuado ou também quando ficasse provado que o indivíduo apenas seria capaz de levar uma vida normal e produtiva, se uma dose mínima de droga fosse administrada regularmente, mas que ficasse incapaz disso, quando a droga fosse inteiramente parada. Esse ato médico era entendido como um tratamento.

Mesmo assim, QUEIROZ (2001) afirma que apenas no início da dec. de 80 na Holanda, é que a proposta da redução de danos começou a ser sistematizada em programas. O primeiro se deu através da iniciativa de uma associação de usuários de drogas, numa espécie de sindicato para usuários de drogas pesadas chamado Junkie-bond (Liga de Dependentes), que queriam combater uma epidemia de hepatite B entre usuários de drogas intravenosas.

O ponto de partida da Junkiebond é zelar pelos interesses dos usuários de drogas. O mais importante é combater a deterioração do usuário ou, dito de outra maneira, melhorar as condições de vida e de moradia do dependente. Sua filosofia é a de que os próprios usuários de drogas conhecem melhor seus problemas. A participação dos dependentes associados à Junkiebond levou à implantação do primeiro programa de troca de seringas em Amsterdã, em 1984. Após isso, o sistema de saúde holandês adotou esse programa e começou a distribuir seringas, para evitar que elas fossem compartilhadas e, assim, diminuir a transmissão da doença.

Porém antes de tornar-se uma prática a redução de danos deu-se enquanto movimento político. Por volta dos anos 70 já vinha sendo estruturada uma política nacional na Holanda tolerante às drogas.

“Especificamente no ano de 1972, antes mesmo da emergência da epidemia de Aids, houve a publicação de um documento pelo Comitê de Narcóticos, cuja conclusão estabelecia que as premissas básicas de uma política de drogas deveriam ser congruentes com a extensão de riscos envolvidos no uso das mesmas, o que convergia para a aplicação de intervenções via redução de danos.” (QUEIROZ , 2001, p. 14)

Além disso, os holandeses mostram-se muito pragmáticos e tentam evitar uma situação na qual, por exemplo, os consumidores de maconha sejam mais prejudicados pelos procedimentos criminais do que pelo uso da droga em si. Tal política reflete um princípio implícito, segundo o qual seu objetivo não é erradicação do uso da droga ilícita, mas a minimização do seu dano. Este princípio é comumente descrito como normalização, isto é, redução da demanda através da integração social dos usuários de drogas.

Enquanto isso, em Liverpool, Inglaterra, as estratégias de redução de danos, como prática de saúde pública instituída, encontravam sustentação. A partir de 1985, os dependentes passaram a dispor de uma grande variedade de serviços. É de grande interesse assinalar que somente cerca de 10% dos usuários interessavam-se por um tratamento cuja meta fosse livrar-se do uso de drogas.

No Brasil a primeira tentativa de usar o programa da redução de danos foi em Santos-SP em 1989. Porém por uma decisão judicial essa proposta foi cancelada. Só em 1995 em Salvador-Bahia foi oficial o primeiro programa de redução de danos. Isto é, quase 15 anos após a Holanda.

Ainda baseado em QUEIROZ (2001), o princípio da redução de danos consiste em ser uma política social cujo objetivo prioritário é minorar os efeitos negativos decorrentes do uso de drogas. Tais ações se orientam por três princípios básicos: o pragmatismo, a tolerância e a diversidade. Por exemplo o projeto na Holanda, no qual havia uma dificuldade dos usuários abandonarem a substância e então a ideia é criar alternativas para reduzir o dano. Mas mesmo nessa postura preventiva, tida como mais progressista e que reconhece os direitos dos usuários existem posições bem contraditórias.

De acordo com SODELLI (2015), há uma abordagem da redução de danos que seria a tradicional, essa está vinculada a Organização Mundial da Saúde, sendo uma estratégia real de ajudar a diminuir o uso da droga e até possivelmente interromper.

“O melhor é não usar drogas; se usar, não usar injetável; se usar, não compartilhar; se compartilhar, esterilizá-las, adequadamente.” (SODELLI, 2015, p. 127)

A política de redução de danos tradicional reconhece a abstinência como um resultado ideal, porém aceita alternativas que possam reduzir o dano.

A outra abordagem poderia receber o nome de libertadora, não tendo de forma alguma o objetivo de alcançar a abstinência. Um exemplo desse tipo de abordagem é a Rede Brasileira de Redução de Danos (Reduc), que tem como fundamento de trabalho

“implementar medidas amplas para prevenir e tratar o consumo nocivo de drogas; não perseguir o consumidor de drogas, mas sim, buscar formas de regulação que sejam social e culturalmente aceitas pelos diferentes segmentos sociais.” (SODELLI, 2015, p. 128)

Na prática tem como objetivo a aproximação com os usuários de drogas para que seja possível criar um vínculo de confiança. Quando o vínculo acontece se abre a possibilidade de conversa sobre a redução de danos à saúde do usuário, para falar por exemplo sobre o uso nocivo, a inclusão em programas da rede pública de saúde, e até possibilitar tratamento ao uso de drogas e etc.

Esta não tem o objetivo de fazer com que o usuário pare de usar droga, e nem tampouco que nunca a experimente. Não se preocupa que pessoas usem drogas, mas sim em como as pessoas estão usando, priorizando diminuir os riscos causados a saúde.

Para entender onde essa proposta cabe, faz-se necessário explicar os tipos de prevenções. A prevenção primária refere-se ao trabalho que é feito com pessoas que ainda não experimentaram nenhuma droga e que estão na idade em que possivelmente podem experimentar. A secundária tenta atingir pessoas que já experimentaram ou que fazem um uso ocasional, com o intuito de evitar que este uso venha a se tornar problemático. E a terciária corresponde a usuários que já enfrentam problemas relacionado ao uso da substância, e a intervenção preventiva é feita para que eles não cheguem na dependência.

Portanto, a proposta de redução de danos libertadora não pode ser de prevenção primária, já que elas ainda nem experimentaram e essa proposta não quer acabar com o

uso de drogas. E ainda, como seria reduzir danos com pessoas que nem fizeram o uso de um psicoativo.

Trabalhar com essa proposta, na prevenção primária, é compreender que o melhor caminho para lidar com o uso de drogas não é o de decidir e o de mandar em alguém, ditando quais seriam os comportamentos mais adequados e corretos. Ao contrário disso, é tentar junto com o outro construir um uso mais próprio, mais livre e consciente.

Para SODELLI (2015) o comportamento de experimentar uma droga não devia ser como algo errado, ou uma falha, mas sim uma possibilidade do existir humano como qualquer outra. Desta forma, só poderíamos dizer que houve uma falha na prevenção primária se este evoluir para um uso nocivo de drogas. Nessa perspectiva as drogas não devem ser consideradas em si maléficas, mas sim neutras. Só podemos colocar um valor nas drogas na sua relação com o homem, no contexto de sentido de uso e modo.

Desta forma, a redução de danos reconhece a liberdade individual e seu respectivo direito de consumir drogas lícitas e ilícitas. Leva-se em consideração que, mesmo existindo políticas públicas para combater o uso de drogas, as pessoas continuarão utilizando drogas. Nem todos os usuários têm a intenção de ficarem abstinentes, e muitos dos consumidores de drogas jamais entraram em contato com o sistema de saúde tradicional.

Sendo assim, a redução de danos é muito mais do que uma alternativa à abstinência no tratamento da dependência química e na prevenção do HIV/AIDS. A redução de danos trata do manejo seguro de uma ampla gama de comportamentos de alto risco e dos danos associados a eles. Desse modo, o importante não é se determinado comportamento é bom ou ruim, certo ou errado. Na redução de danos, a ênfase é se o comportamento é seguro ou inseguro, favorável ou desfavorável para o usuário.

#### **Capítulo 4 - Análise da entrevista**

Neste capítulo será apresentada uma análise da entrevista, de modo a separar em temas as falas do entrevistado (codinome José) que estão de acordo com o objetivo desta pesquisa, em seguida foi elaborada uma pequena síntese. Estas sínteses serão retomadas no capítulo posterior para descrever uma compreensão sobre as sínteses.

Foco de análise: Noção de cura.

Falas do entrevistado sobre o assunto:

- *“Eu estudei pro meu mestrado um grupo que usava a ayahuasca para tratar e recuperar a população em situação de rua e então me aproximei deles e os estudei. Eu já trabalhava pela rua e tomava ayahuasca, dai eu fiquei interessado em conhecer o trabalho desse pessoal e ver se era um trabalho sério, porque o que é cura né, por exemplo nas igrejas de Daime se fala muito disso mas o que é isso? O que é se curar? E o que é essa recuperação?”*

- *“Resolvi estudar essa questão do uso da ayahuasca para recuperação porque é realmente uma questão em aberto pra mim, quer dizer, como é que funciona isso dai? E eu vi que tinha uma lógica muito diferente da lógica dos medicamentos e de uma lógica que a gente está acostumado né, tem um outro foco de funcionar.”*

- *“Eu comecei a querer conhecer lugares e tipos de ritual e fui lá pro Peru conhecer o trabalho dos curandeiros lá, e lá é um trabalho mestiço que tem bem essa lógica da cura. É um doutor, ele dá o chá e cuida das pessoas.”*

- *“Acho que cada um vai entender um tipo de cura, tem por exemplo uma clínica que chama takiwasi, já ouviu falar? É de um francês que é médico e agora também é curandeiro e eles usam essa noção de cura, uma abstinência total. Para eles a maconha é um pixe que gruda na sua áurea e não vai sair mais, e eles são contra todas as drogas. O tabaco deles pode, e a ayahuasca não é droga. Nessa concepção a noção de cura seria a abstinência, eles têm um molde de uma comunidade terapêutica de nove meses, a pessoa fica lá internada. Então tem várias formas de usar a ayahuasca, tem índios que usam para caçar, tem tribo que usa para fazer festa e outra que usa para fazer cura, uma cura de coisa física ou seja, uma pessoa que está doente. A gente do ocidente que pega nessa coisa do autoconhecimento e de curar as questões psicológicas. Se você vai pro Acre na Amazônia e isto não está muito na cabeça das pessoas, é outra compreensão.”*

Síntese: A noção de cura é realmente uma questão ainda em aberto. É difícil definir o que é cura e como alcançá-la. Porém, se tratando de ayahuasca o modelo de cura é diferente do modelo médico, talvez aqui curar se aproxime mais de um autoconhecimento. Além disso, pensando em uma forma de tratamento de dependência de drogas, seria a cura uma abstinência total? Alguns centros acreditam que sim e se propõem a fazer uma internação da pessoa para alcançar isso.

Foco de análise: Noção redução de danos.

Falas do entrevistado sobre o assunto:

- *“Então nós temos que pensar nela – a ayahuasca - basicamente como uma ferramenta. Como ela é usada depende de qual o contexto, qual a forma. No meu trabalho, pensando em redução de danos, eu nunca vou impor nada.”*

- *“Então quando vem alguém para se tratar com a gente, eu funciono de um jeito que não é diretivo. A gente basicamente cria o contexto pra que a planta possa fazer o trabalho dela. Não sou eu que estou fazendo alguma coisa com a pessoa, é ela quem vai decidir o que vai fazer ou não. A gente faz um processo de fortalecimento da pessoa, então de ela poder estar com mais clareza na cabeça, com mais direcionamento da vida. Se sentindo mais forte e com mais ânimo para poder cuidar da própria vida. E então eu, de uma forma, entendo que esse uso que eu faço se aproxima de uma compreensão que eu tenho de redução de danos, entendeu? Então que, eu não chego e falo que a pessoa deve parar de fumar pedra, ou que ela tem que sair da rua.”*

*“E tento primeiro ver que tipo de contexto vai se encaixar para ela. Já recebi a gente aqui, no começo do ano, veio um cara que queria tomar o chá porque a amiga dela disse que podia ajudar a parar de cheirar cocaína, e dai eu fui conversando e o cara já me disse que não gostava de mato, e não queria ficar no meio do mato, tinha medo e dai eu pensei beleza, não dá para ser num sitio então. Ele também não gosta de jesus e virgem maria então não vou insistir pra pessoa ir no Daime e então eu indiquei um ritual taoista, e ele foi nesse ritual. Então eu tento ver o que tem mais haver com aquela pessoa de acordo com ele, se ele gosta de umbanda por exemplo não tem como levar ele num budista. Até adianta mas quem sabe se ele for numa gira de umbanda com Daime a experiência possa ser mais significativa.”*

- *“E daí eu acho que pensando na redução de danos, ela não é contra a abstinência né, quer dizer, é uma perspectiva de cuidado que esta focada numa melhora da qualidade de vida e tal e que é construída junto com o paciente a partir de um diálogo, e eu acho que tem gente as vezes que o jeito de aquela pessoa reduzir danos é ficando abstinente, tem gente que quer parar de usar. Depende muito da construção conjunta com a pessoa.”*

- *“Primeiro tem que ser uma coisa que faça sentido para a pessoa né, não adianta tipo prescrever ayahuasca porque faria bem, você pode um pouco sugerir, ou seja tem a ayahuasca, tem a ibogaina mas também tem outras possibilidades. Tem a ver com a expectativa dela também, então ela precisa querer e ver sentido nisso e estar inserido dentro de um processo dela, não é tomar ayahuasca e pronto resolveu. E tem gente que não pode porque pode entrar em surto psicótico ou em alguma crise de mania, tem gente que pode ficar meio bagunçado na semana seguinte, meio difícil de se organizar. Então tem gente que precisa tomar cuidado.”*

- *“Então não é que ninguém fala que ela vai ter que parar de fumar pedra, mas ela começa a falar pra ela, do tipo putz se eu ficar fumando pedra assim vai ser foda, ou se eu ficar na rua, eu não consigo organizar nada enquanto eu to na rua. E daí vem como um caráter de evidencia e não como uma opinião de alguém sobre sua vida, mas com um caráter de algo muito verdadeiro pra você. Dai a pessoa começa a se implicar num auto cuidado, então começa a pensar que precisa diminuir a pedra, preciso trabalhar, e daí a pessoa começa a se cuidar.”*

Síntese: A redução de danos visa não necessariamente uma abstinência, mas sim uma melhora na qualidade de vida. Essa prática visa ser construída junto com a pessoa, através de um diálogo, de modo que o mundo dela é levado em conta, ou seja, há uma preocupação com o contexto que o indivíduo vive, para que o tipo de ritual escolhido possa fazer mais sentido. A ayahuasca é dada como uma opção para reduzir danos, mas a escolha por ela parte de um processo e uma vontade do indivíduo. Além disso, o uso de ayahuasca é um processo que tem um objetivo de acordo com cada pessoa, a intenção da pessoa diz respeito ao tipo de trabalho que será realizado. Há também uma preocupação de que essa prática não seja diretiva, ou seja, não é um método certo a ser seguido, mas o caminho deve ser pensado junto com o indivíduo. Além de que há um acompanhamento antes do trabalho com a ayahuasca em si para dar um fortalecimento e um acolhimento a pessoa.

Há também a possibilidade de uma desorganização ou um surto após o trabalho, e então é necessário que se pense se para aquela pessoa a ayahuasca seria uma opção.

A redução de danos vem como um caráter de evidencia e não como uma opinião de alguém sobre sua vida, mas com um caráter de algo muito verdadeiro pra pessoa, em que ela mesmo construiu isso. Então ninguém diz que é necessário parar de usar drogas ou sair da rua, mas a pessoa vai tomando consciência e percebendo que ela precisa se implicar num autocuidado.

Foco de análise: dieta e a limpeza do corpo

Falas do entrevistado sobre o assunto:

- *“Quando a pessoa está querendo se tratar numa questão de droga e ela topa esse tratamento que é o que eu faço, normalmente ao invés de propor uma internação, e se a pessoa tiver estruturado o suficiente a gente procura uma dieta de uma semana na mata, numa casinha de isolamento, e vai uma pessoa duas vezes por dia levar lá a comida, arroz integral e aveia sem sal, sem óleo, tempero e nem nada. Não pode usar sabonete shampoo pasta de dente ou desodorante, nada assim, fica só com o próprio cheiro. E fica uma semana nesse isolamento, que é um processo que tem haver também com este contexto mestiço, dos curandeiros do peru e que tem haver também com os indígenas, que fazem essa dieta como forma de aprendizado, e então a pessoa faz essa dieta e tem algumas plantas que purgam e faz algumas limpezas e tal e dai depois a pessoa participa de um ritual com o chá, entendeu?”*

- *“E digamos que através desta limpeza e a pessoa estando mais próxima de si, mais afinada com quem ela é e o que ela está vivendo, fica mais fácil de ela ter mais a experiência da luz com o chá do que com a limpeza. Nesse processo, não faço uma coisa de falar que tem que parar de fumar pedra ou sair da rua e tal. Tem esse período de dieta e o tempo que ela vai ficar pensando lá, e os sonhos também, pensando sozinha e partir da experiência com o chá, então isso tem a ver com a redução de danos, está próximo. É um trabalho que se distancia de um da conversão no qual a pessoa tem que seguir uma linha e fazer tais coisas e dai ela vai se recuperar. Eu entendo que é um trabalho diferente, ela não tem que se converter e ficar tomando chá comigo para parar de usar. Dai é isso, eu venho recebendo algumas pessoas que tomam o chá e fazem essa dieta.”*

Síntese: O uso de drogas causaria uma sujeira no corpo, como um pixe e nesse sentido há a importância de limpar o corpo como parte da preparação pra tomar o chá. Por isso uma dieta, na qual a pessoa deixa de ingerir a droga e também a maioria dos alimentos para então o corpo baixar seu metabolismo e também se descontaminar. Além disso, há o uso de outras plantas purgativas para ajudar nessa limpeza. O isolamento também coopera no sentido de deixar a pessoa mais próxima de si e em um contato mais profundo com seu sentido de ser. E neste sentido, todo esse processo tem a ver com redução de danos, e não apenas o uso da ayahuasca em si.

Foco de análise: Diferença entre o trabalho dele e os outros tipos de tratamentos.

Falas do entrevistado sobre o assunto:

*- “Mas para tratamento tem o pessoal de takiwasi e também tem um em Sorocaba, que chama céu sagrado e eles tem um pronto socorro de chá. Você vai lá, de segunda a quinta feira de manhã ou a tarde, a hora que você chegar, você passa por esse pronto socorro que é um copo de 600ml de chá, ou seja um copão, e depois de umas 3 horas eles aplicam o kambo na pessoa. Eles são também totalmente anti drogas, até o cigarro eles são contra.”*

*- “Sim, é um pronto socorro. Se você está precisando de ajuda para parar de usar drogas, você vai lá e eles te dão este tratamento ai. Dai tem outro lugar em Rio Branco no Acre, uma comunidade terapêutica que chama caminho de luz com o mestre Moniz e que ele usa o chá três vezes ao dia para tratar de dependência e você fica lá três meses internado e ele também é anti drogas total, então os lugares que eu conheço para tratamento eles são em geral, anti drogas.”*

Síntese: Há diferenças entre o trabalho de redução de danos e os outros tipos de tratamento com a ayahuasca. No céu sagrado, em Sorocaba há um pronto socorro de chá para quem quer parar de usar drogas, é só chegar e eles te dão o chá e depois aplicam o kambo. Existe também uma comunidade terapêutica em Rio Branco – Acre que chama caminho de luz, com o mestre Moniz que trabalha através de uma internação de 3 meses com três doses diárias do chá. Esses lugares, em geral, são totalmente antidrogas e não aceitam nem o cigarro.

Foco de análise: Ibogaina

Falas do entrevistado sobre o assunto:

*-“ é uma substancia. A ayahuasca tem por exemplo beta carbolinas e o dmt né, já a iboga é uma planta africana que tem a ibogaina que tem na casca da raiz. É uma substancia que vem desde os anos 60 sendo usada no tratamento de dependência e que tem também um efeito psicodélico, alucinógeno e enteogeno mas que lá na África os rituais duram 3 dias, mas o tratamento que a gente faz aqui a pessoa fica 24 horas sobre o efeito. E depois a pessoa fica sem fissura e também com mais clareza de pensamento e isto vem sendo usado para tratamento de dependência há algum tempo.”*

*-“As vezes volta a usar, por isso que eu vejo que nos tratamentos com o chá, diferentemente com a ibogaina que é uma dose só e pá, uma paulada, com a ayahuasca você vai precisar ir tomando um período, é um processo que se estabelece”*

Síntese: A iboga é uma planta africana que tem a ibogaina na casca da raiz. É uma substancia psicodélica, alucinógena e enteogena que vem também sendo usada no tratamento de dependência. Nos rituais no Brasil a pessoa fica 24 horas sob o efeito e depois fica sem fissura e com mais clareza de pensamento. Diferentemente da ayahuasca que é um processo de ir tomando e que as vezes a pessoa volta a usar a droga, a ibogaina é uma dose só, uma paulada.

Foco de análise: A ayahuasca

Falas do entrevistado sobre o assunto:

*-“ A ayahuasca não é uma coisa em si, depende de quais praticas ela está envolvida e o que você faz com ela, ela vira uma coisa diferente. Então você foi lá numa que falava de animais de poder, quem sabe se tivesse ido noutra você veria a virgem maria, então acho que varia muito. E dai quando a pessoa vai buscar a experiência fica associada com isso.”*

*-“ Acho que até hoje eu só não vi evangélico com o chá, por enquanto. Mas já vi budista, hindu, kardecista, umbanda, católico, tem de tudo.”*

*-“O que a gente faz é criar o contexto para que a planta possa agir e a pessoa possa receber os ensinamentos, nessa lógica de que a planta é um ser vivo e de que o chá é uma entidade, um espirito que te ensina coisas e te mostra coisas importantes para a sua vida. Então, eu parto deste ponto. Quando eu recebo um paciente, eu recebo aqui no meu consultório e converso com ela, vejo o que ela está precisando e tal.”*

Síntese: A ayahuasca não tem como ser tomada como um ente puro, ela depende de quais práticas está envolvida e como você usa ela. Além de depender da intenção e do mundo da pessoa que toma. A experiência fica associada a estas coisas. Até hoje, José só não viu evangélico com o chá, mas já encontrou budistas, hindus, kardecistas, umbandistas, católicos... A planta é um ser vivo e o chá é visto como uma entidade ou um espírito que te ensina coisas, e nesse sentido, o trabalho feito é o de preparar a pessoa para receber os ensinamentos.

Foco de análise: A ayahuasca como um tratamento para dependência

Falas do entrevistado sobre o assunto:

*-“ E nessa área de dependência eu vejo que tem muito um percurso, o paciente tenta uma coisa, depois tenta outra e outra. E acho que dependendo do momento que ela entrar na vida do paciente pode fazer toda a diferença. Tem uma coisa dessas substancias de que elas são imprevisíveis né, você não sabe o que ela vai fazer, se você vai sofrer ou vai ser maravilhoso e se vai ter algum efeito na sua vida ou não. Mas eu costumo ver que se bem usada pode fazer diferença, mas não dá pra esperar que ela faça algo por alguém e nem resolva sua vida. Até porque o uso de drogas não tem a ver com a droga, tem a ver com a vida também. Com o prazer e o lugar que ela ocupa, mas o melhor jeito de prevenir é o cara estar bem com a vida, acordar de manhã e falar nossa que tesão que está a vida. Acho que o chá faz uma parte né, ajuda a entender e a abaixar a ansiedade, ficar mais tranquilo. Mas a pessoa tem que cuidar da própria vida.”*

*-“ Mas acho que depende muito da intenção da pessoa que busca o chá, se está buscando cura ou algo que te ajude a resolver algum problema seu e daí tem gente que quer parar de usar, outros que querem reduzir. Acho que depende muito de uma perspectiva de como a pessoa vai né, se a gente for pensar no contexto das substancias tem aquela coisa clássica da relação droga-sujeito-contexto e esses três elementos vão influenciar na experiência e no efeito que vai ter, então depende muito de como a pessoa vai e do que está acontecendo neste contexto.”*

Síntese: Pensar num tratamento para dependência é pensar num percurso, a pessoa tenta uma coisa e depois tenta outra... A ayahuasca também não resolve a vida de ninguém e nem faz nada por alguém, mas pode fazer toda a diferença na vida da pessoa, se bem

usada ajuda a abaixar a ansiedade e promove um esclarecimento. A experiência depende da intenção da pessoa, tem uns que querem parar de consumir ou apenas reduzir o uso de drogas. É a clássica relação droga-sujeito-contexto e esses três elementos vão influenciar no efeito que vai ter. Desta forma, a dependência tem que ser pensada de acordo com a vida da pessoa, com o prazer e o lugar que ela ocupa. Ela não diz a respeito da droga em si.

### ***Capítulo 5 – Síntese da entrevista***

De acordo com o entrevistado, a ayahuasca não tem como ser tomada como um ente puro, ela depende de quais práticas está envolvida e como você usa ela, ou seja,

depende da intenção e do mundo da pessoa que toma. Desta forma, há um paralelo entre este pensamento e a fenomenologia de Heidegger que procura levar em consideração as diversas modalidades em que os entes se dão e se mostram. Sendo assim, as duas visões compartilham da ideia da mundidade das coisas, ou seja, o mundo/ser diz sobre a experiência vivida dos entes. Além de que remete ao conceito de intramundano, no qual o *dasein* está sempre em relação ao ente, sempre se ocupando com os entes. Pode-se perceber que dependendo do contexto o uso da ayahuasca ganha formas diferentes: no Peru é uma medicina tradicional, no Brasil se considera que o terapêutico é um ato de fé e nos meios acadêmicos há tentativas de isolar a substância para comprovar sua terapêutica. A psicoterapia com ayahuasca é proibida no Brasil.

Além disto GOMES (2011) acrescenta que o uso do chá expandiu muito. O entrevistado até hoje, só não viu evangélico com o chá, mas já encontrou budistas, hindus, kardecistas, umbandistas, católicos... A planta é um ser vivo e o chá é visto como uma entidade ou um espírito que te ensina coisas. Este modo de receber a ayahuasca diz a respeito da cosmovisão que as três religiões – Barquinha, Santo Daime e UDV-compartilham. E nesse sentido, o trabalho de José é o de preparar a pessoa para receber os ensinamentos que o chá traria através de uma expansão da consciência. Este poder sobre o ser está também atrelado a sua farmacologia e as substâncias que a compõem. Os ensinamentos do chá e as alucinações provocadas não dizem a respeito apenas de uma distorção da percepção, ou seja, não são um simples engano da imaginação. Pelo contrário, os efeitos do chá permitem ao indivíduo uma ampliação do domínio de seu mundo. E o caráter do chá de ser uma entidade que entra no seu corpo, palavra que José (entrevistado) traz, diz respeito da caracterização deste como enteógeno, que significa um vegetal que proporciona ao ser humano o contato com o mundo espiritual e suas entidades. É o contato com o sagrado, é o caráter numinoso do chá. Neste sentido o chá promoveria uma cura dos males da alma.

De acordo com José (entrevistado), a noção de cura é uma questão ainda em aberto. É difícil definir o que é cura e como alcançá-la. Porém, se tratando de ayahuasca o modelo de cura é diferente do modelo médico que só leva em conta o biológico do indivíduo, levando em consideração a totalidade do indivíduo, ou seja, seu ser biopsicossocial e enfatiza aspectos espirituais, talvez aqui curar se aproxime mais de um autoconhecimento. SANTOS (2013) explicita que o uso curandeiril é comum na Amazônia em que o chá é

usado para curar os males do corpo, normalmente associado a outras plantas como o tabaco além dos banhos com ervas que evocam elementos da natureza de cura. José (entrevistado) vai de encontro com Santos nesse sentido, dizendo que apenas na expansão do chá para o resto do mundo este ganhou um uso de autoconhecimento. Muitos adeptos contam terem se curado de problemas de saúde, dor e mal-estar. Uma das propriedades atribuídas à ayahuasca é a de gerar sentimentos de transcendência que possibilitariam a cura de desequilíbrios físicos, espirituais e mentais, sendo um instrumento eficaz na cura de doenças, fundamentalmente da doença espiritual que seria uma possível origem das doenças físicas e mentais dentro desta cosmovisão ayahuasqueira.

Porém o chá não resolve a vida de ninguém e nem faz nada por alguém. Ele pode fazer toda a diferença na vida da pessoa, se bem usado. O resultado da experiência depende da intenção da pessoa, uns querem parar de consumir e outros apenas reduzir e o objetivo influencia diretamente no resultado. Além de que pensar num tratamento para dependência é pensar num percurso, um caminho a ser percorrido com altos e baixos. Num processo de redução de danos a dependência tem que ser pensada de acordo com a vida da pessoa, com o prazer e o lugar que ela ocupa. Ela não diz a respeito da droga em si. Mas do sujeito que usa drogas.

A redução de danos, e neste sentido José (entrevistado) concorda com Sodelli (2015), dizendo que é necessário se preocupar em como as pessoas estão usando a droga, priorizando diminuir os riscos causados a saúde. Para tanto, a intervenção é construída junto com a pessoa, através de um diálogo, para entender aquele uso. Ou seja, o mundo do indivíduo é levado em conta, há uma preocupação com o contexto para que, em se tratando de ayahuasca, o ritual escolhido faça sentido.

A ayahuasca é dada como uma opção para reduzir danos, mas a escolha por ela parte de um processo e uma vontade do indivíduo. Além disso, o uso de ayahuasca é um processo que tem um objetivo de acordo com cada pessoa, a intenção da pessoa diz respeito ao tipo de trabalho que será realizado. Há também uma preocupação de que essa prática não seja diretiva, ou seja, não é um método certo a ser seguido e não tem como objetivo a abstinência.

Há um acompanhamento antes do trabalho com a ayahuasca em si para dar um fortalecimento e um acolhimento a pessoa. Como uma forma de cuidado diante da possibilidade de uma desorganização ou um surto após o trabalho, e então é necessário

que se pense se para aquela pessoa e qual tipo de uso da ayahuasca seria uma opção. De acordo com José (entrevistado), a redução de danos vem como um caráter de evidencia e não como uma opinião de alguém a vida da pessoa, mas com um caráter de algo muito verdadeiro, em que ela mesmo construiu isso. Então ninguém diz que é necessário parar de usar drogas ou sair da rua ou tomar ayahuasca, mas a pessoa vai tomando consciência e percebendo que ela precisa se implicar num autocuidado.

Há diferenças entre o trabalho de redução de danos de José e os outros tipos de tratamento com a ayahuasca. No céu sagrado, em Sorocaba há um pronto socorro de chá para quem quer parar de usar drogas, eles te dão o chá e depois aplicam o kambo. Existe também uma comunidade terapêutica em Rio Branco – Acre que chama caminho de luz, com o mestre Moniz que trabalha através de uma internação de 3 meses com três doses diárias do chá. Esses lugares, em geral, são totalmente antidrogas e não aceitam nem o cigarro. Neste sentido, José questiona se este tipo de trabalho pode ser considerado redução de danos, em primeiro lugar porque visa uma abstinência e também porque não há uma preocupação com a singularidade do indivíduo.

De acordo com Santos (2013) essa eficácia terapêutica da ayahuasca está fundamentada em dois aspectos: o primeiro diz respeito aos efeitos purgativos e conseqüentemente catárticos, ou seja, a possibilidade de chorar, vomitar, defecar por si só exerce efeito terapêutico em alguns casos. O segundo são as visões, muitos indivíduos conseguiram resolver suas questões através das visões que teve. Eles entraram em contato com determinantes de seu comportamento, através destas, e assim reconduziram este.

Por este viés de limpeza, pensar o uso de drogas é pensar numa sujeira no corpo, como um pixe e nesse sentido há a importância de limpar o corpo como parte da preparação pra tomar o chá. Por isso uma dieta, na qual a pessoa deixa de ingerir a droga e também a maioria dos alimentos e então o corpo baixa seu metabolismo e também se limpa. Além disso, há o uso de outras plantas purgativas para ajudar nessa limpeza. O isolamento também coopera no sentido de deixar a pessoa mais próxima de si e em um contato mais profundo com seu sentido de ser. E é por isso que o acompanhamento de José antes do seu trabalho com a ayahuasca em si é fundamental. A ayahuasca limpa o corpo, porém se o corpo já estiver limpo e a pessoa mais conectada com si-mesma a experiência poderá ser mais rica e clara. Além de evitar uma peia.

Portanto, a ayahuasca num processo de redução de danos pode ajudar a enfrentar o problema do abuso de drogas. Ou seja, ela é sim uma possibilidade para quem busca usar drogas de uma forma mais consciente e própria. Mas a ayahuasca não faz o trabalho sozinha, é necessário que o indivíduo queira reduzir ou parar e vá caminhando nesse processo. Digamos que, de acordo com José (entrevistado) a ayahuasca pode guiar e ajudar num esclarecimento nesse processo.

A ayahuasca em certo sentido abre a possibilidade para a pessoa repensar o sentido da vida. Essa substancia dentro dessa circunstancia de redução de danos é usada para promover uma reflexão, em relação ao passado, presente e o futuro. É uma reflexão sobre as escolhas que ajuda o indivíduo a buscar um sentido para a vida. É comparável a uma terapia intensa, em apenas um dia, a explosão de sentidos que pode acontecer promove vários insights e abre espaço para vários sentidos abrirem. Neste contexto, sendo vinculado a uma questão espiritual e não de uso recreativo.

### ***Considerações finais***

Para este trabalho foi realizada a leitura de partes da obra Ser e tempo de Heidegger e de outros autores como Giacoia, Casanova e Sodelli para poder explicitar a visão de homem e de mundo para a fenomenologia e, desta forma, conectar essa visão com a redução de danos e a ayahuasca como uma possibilidade da redução de danos. Há uma carência deste tipo de material acadêmico em psicologia, ou seja, há poucas referências

bibliográficas que buscam falar sobre a experiência da ayahuasca dentro das teorias da psicologia e este estudo procura fazer isto como um pano de fundo.

Além de buscar através dos capítulos 2 e 3 uma aproximação de o que seria a ayahuasca nos dias atuais, bem como uma perspectiva histórica e atual da redução de danos. Portanto nos primeiros capítulos busco explicitar de forma separadas os três temas que este tcc abarca: fenomenologia, ayahuasca e redução de danos para depois, conjuntamente com a entrevista fazer uma elaboração sobre a possibilidade dessas 3 coisas unidas.

Para tanto, a fenomenologia serviu de base para pensar a visão de homem que seria abordada. Ou seja, como o homem vive ser seu ser-aí no mundo. E então abrir a possibilidade de pensar no mundo do dependente químico e pensar em redução de danos. Tanto a redução de danos quanto a fenomenologia tem a preocupação de colocar o indivíduo como dono de seu próprio discurso e de respeitar e garantir esse diálogo. De acordo com Giacoia (2013) a análise fenomenológica, considera o *dasein* um ente que compreende sua relação com o Ser, para quem exige um cuidado estar sendo, pois pode liberar um acesso para o entendimento do próprio Ser. Ou seja, o *dasein* compreende o que ele está sendo, e essa compreensão sobre si deve ser levada em conta.

As duas perspectivas se preocupam com a individualidade, fazendo leituras que garantem o indivíduo como dizente da sua verdade. Ou seja, não há teorias prévias. Um exemplo disso é o surgimento de redução de danos na Holanda com os junkies-bond no qual seu lema era que os dependentes sabem o que é melhor para eles mesmos e conhecem melhor seus próprios problemas.

A redução de danos aparece com este sentido de que as pessoas usam drogas e então o que fazer com este uso que já ocorre. Não tem a intenção de internar ninguém ou tornar alguém abstinente, mas sim de reduzir os danos causados pelas drogas e criar um consumo mais consciente. Ou seja, de acordo com Sodelli (2015) o trabalho com a redução de danos não se preocupa que pessoas usem drogas, mas sim em como as pessoas estão usando, priorizando diminuir os riscos causados a saúde. Os próprios usuários definem qual sua meta e qual tipo de consumo é favorável para ele ou não. A redução de danos não tem um caráter de um caminho certo a ser seguido para chegar a um objetivo, ela não é diretiva e nem impositiva.

É um caminho pensado conjuntamente entre o redutor de danos e o usuário. No qual o usuário é o principal portador da voz e da vontade. Além de que, ainda de acordo com Sodelli (2015) é compreender que o melhor caminho para lidar com o uso de drogas não é o de decidir e o de mandar em alguém, ditando quais seriam os comportamentos mais adequados e corretos. Ao contrário disso, é tentar junto com o outro construir um uso mais próprio, mais livre e consciente, ou ainda, até mesmo interromper o uso.

Neste sentido, a possibilidade da ayahuasca como redução de danos faz sentido visto que a ayahuasca cria o potencial de reflexão do sentido da vida. De acordo com Santos (2013) a interação do chá com o organismo humano é o que possibilita a expansão da consciência, ou seja, a experiência extra cotidiana. Ele facilita a concentração mental, a interiorização, produz clareza de consciência e aguça a percepção. A ayahuasca ajudaria o usuário a pensar sobre sua condição e suas vontades dando um maior esclarecimento sobre qual caminho tomar. A ayahuasca em si mostra coisas ao usuário para que ele mesmo possa decidir quanto ao tipo de uso de drogas que faz. Ela pode proporcionar alguns insights que guiarão o usuário para mais perto de seu si-mesmo, para mais perto de um uso próprio. Porém a ayahuasca não resolve os problemas sozinha, é um processo do próprio indivíduo.

Por fim, essa investigação aponta para a importância de mais estudos que tratem deste tema para que seja aprofundado o conhecimento que se tem da ayahuasca como possível alternativa de redução de danos.

## **BIBLIOGRAFIA**

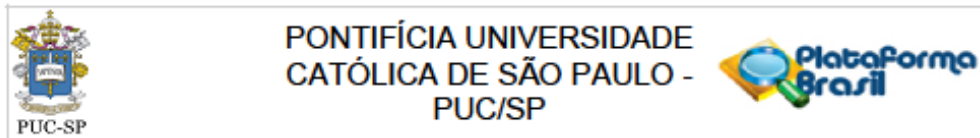
- CASANOVA, M. **Comprender Heidegger**. 3 ed. Petrópolis; Vozes; 2009.
- COSTA, M; FIGUEIREDO, M; CAZENAVE, S. **Ayahuasca: Uma abordagem toxicológica do uso ritualístico**. *Rev. psiquiatr. clín.*, São Paulo , v. 32, n. 6, p. 310-318, Dec. 2005 .
- GMT - Ayahuasca-. **Diário Oficial da união**, v. 17, p. 58, 2010.
- GIACCOIA, O. **Heidegger urgente: introdução a um novo pensar**. 1ª ed. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- HEIDEGGER, M. **Ser e o Tempo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes; 1993.
- LABATE, B. C., SANTOS, R.G., ANDERSON, B., MERCADANTE, M., BARBOSA, P.C.R. **Considerações sobre o tratamento da dependência por meio da ayahuasca**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP), 2009.
- LABATE, B. C.; PACHECO, G. **As origens históricas do Santo Daime**. In **Álcool e drogas na história do Brasil/R**. P. Venâncio, H. Carneiro – São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005, pp. 231 a 255.
- MERCANTE, M. **A ayahuasca e o tratamento da dependência**. *Mana*, Rio de Janeiro , v. 19, n. 3, p. 529-558, Dec. 2013.
- MERCANTE, M. S. **Dependência , recuperação e o tratamento através da ayahuasca : definições e indefinições**. *Health & Social Change*, v. 4, n. 11, p. 126–138, 2013a.
- MERCANTE, M. S. **Ayahuasca, dependência química e alcoolismo**. *Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, São Paulo, v. 5, 2009.
- QUEIROZ, I. **Os programas de redução de danos como espaços de exercício da cidadania dos usuários de drogas**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 21, n. 4, p. 2-15, Dec. 2001 .
- GOMES, B. **O sentido do uso ritual da ayahuasca em trabalho voltado ao tratamento e recuperação da população em situação de rua em São Paulo**. 2011. Dissertação (Mestrado em Saúde Materno Infantil) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids. **A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas** / Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Coordenação Nacional de DST e Aids. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

SANTOS, G. **Takiwasi: O uso da ayahuasca no tratamento da adicção em uma comunidade terapêutica**. Dissertação mestrado em ciências sociais, - UFBA, Bahia - Salvador, 2013.

SODELLI, M. **A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas**. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 637–644, 2010.

SODELLI, M. **Uso de drogas e prevenção: da desconstrução da postura proibicionista às ações redutoras de vulnerabilidade**. 2ed.; Via Veritas, 2015.

**ANEXO 1:****COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Ayahuasca e tratamento de dependencia

**Pesquisador:** Marcelo Sodelli

**Versão:** 1

**CAAE:** 62872416.8.0000.5482

**Instituição Proponente:** Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP

**DADOS DO COMPROVANTE**

**Número do Comprovante:** 129309/2016

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

Informamos que o projeto Ayahuasca e tratamento de dependencia que tem como pesquisador responsável Marcelo Sodelli, foi recebido para análise ética no CEP Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP em 09/12/2016 às 12:22.

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C  
**Bairro:** Perdizes **CEP:** 05.015-001  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br

**ANEXO 2:****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE****REDUÇÃO DE DANOS E AYAHUASCA****Apresentação:**

**Objetivo:** Este estudo pretende possibilitar uma compreensão acerca da experiência de uma pessoa que tenha contato com a ayahuasca como uma forma de redução de danos, levando em consideração a singularidade e o sentido único da vivência.

**Justificativa da Pesquisa:** Esta pesquisa tem o intuito de alargar o conhecimento sobre a ayahuasca e o ritual de ayahuasca como uma possibilidade da redução de danos. Já que este é um tema que vem sendo atualmente pesquisado e é relevante criar mais material a respeito disso, então esta pesquisa poderia ampliar os estudos acerca do tema e contribuir para um novo olhar para o fenômeno observado, o olhar fenomenológico-existencial.

**Esclarecimento:**

**Entrevista:** Esclarecemos que a participação na pesquisa consiste em conceder entrevista acerca da experiência de uso de ayahuasca como uma forma de redução de danos. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas, garantindo o sigilo e utilização das informações apenas para a finalidade da pesquisa. A participação na pesquisa é voluntária, não envolvendo qualquer tipo de custo financeiro ou remuneração. É garantida plena liberdade de participação na pesquisa, podendo recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer momento da realização da pesquisa, sem sofrer qualquer prejuízo ou penalidade.

Os esclarecimentos quanto ao objetivo e metodologia da pesquisa serão garantidos ao participante antes e durante o curso da pesquisa.

O desconforto e os possíveis riscos relacionados à pesquisa envolvem o resgate da experiência da ayahuasca. Para minimizar tais riscos, o pesquisador se compromete com o encaminhamento para atendimento psicológico, caso seja evidenciada tal demanda. Os possíveis benefícios que envolvem esta pesquisa referem-se à possibilidade de expressar e compreender sua própria experiência, permitindo que esta seja validada pelo pesquisador.

Cabe ressaltar que as informações envolvidas na pesquisa serão utilizadas única e exclusivamente para a finalidade da pesquisa, que poderá ser apresentada e publicada em meio acadêmico/científico, mantendo sempre a identidade dos participantes em anônimo.

Em qualquer etapa do estudo, o participante terá acesso a esclarecimentos quanto a eventuais dúvidas que envolvam a pesquisa. Para tanto, o participante poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Lorena Roncon Blas, pelo telefone (11)973494060 e e-mail lorensk3@hotmail.com. Também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- Sede Campus Monte Alegre, que localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor

Bandeira de Mello, sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:[cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br).

Eu, \_\_\_\_\_, RG N° \_\_\_\_\_, CPF N° \_\_\_\_\_, declaro ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Redução de danos com ayahuasca”.

Eu discuti com o pesquisador (a) \_\_\_\_\_ sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

\_\_\_\_\_ Assinatura do participante ou representante legal  
Data / /

\_\_\_\_\_ Assinatura da testemunha  
Data / /

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante ou representante legal para a participação neste estudo.

\_\_\_\_\_ Assinatura do pesquisador  
Data / /